

OS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dimas Bento Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB – dimas.lila@gmail.com

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa (LP) tem sido pauta de pesquisas de estudiosos que buscam entender o porquê de os alunos apresentarem defasagem na leitura e na escrita. É importante que a língua seja estudada em seu contexto real de uso, por isso, os gêneros textuais assumem um papel importante nesse processo, haja vista que, ao utilizarmos a linguagem, a materializamos em forma de gêneros textuais. Para analisarmos esses problemas no ensino de LP, nos utilizaremos dos aportes teóricos advindos dos estudos de Bakhtin (2011), Kleiman (2005), Marcuschi (2008), Soares (2003), Antunes (2003) entre outros. Com este trabalho, objetivamos analisar as práticas de linguagem com utilização dos gêneros textuais mediadas por cinco professores de 6º ano de escolas públicas de três cidades diferentes. De cunho qualitativo, utilizamos o questionário para a coleta de dados junto aos professores, a fim de analisarmos a prática docente de LP a partir do uso dos gêneros textuais. No contexto atual em que se encontra o ensino da leitura e da escrita na escola, é necessário que o professor promova momentos de letramento em sala para que, dessa forma, o aluno possa elevar o seu nível de letramento, o que contribuirá para que, ao concluir o Ensino Fundamental, saiba fazer uso da linguagem nos mais diversos contextos de interação. Como resultados, podemos constatar que, embora a importância dada ao trabalho com os gêneros textuais seja uma necessidade não tão atual, ainda é notório uma tímida apropriação ou uma apropriação um tanto inadequada desses instrumentos, o que compromete a aprendizagem da leitura e da escrita na educação básica.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Letramento. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa (doravante LP) tem sido alvo de estudos que visam compreender o porquê dos alunos, ao concluírem a Educação Básica, ainda apresentarem uma defasagem na leitura e na escrita. O insucesso escolar se torna evidente quando nos deparamos com os resultados das avaliações em larga escala, como é o caso da Prova Brasil e SAEB¹ que trazem à tona as dificuldades de leitura e escrita. Nessa perspectiva, torna-se necessário fazermos uma reflexão sobre o ensino de LP, a fim de entendermos o porquê de tal problema.

¹ Prova Brasil e SAEB são avaliações de larga escala aplicadas pelo INEP e que visam diagnosticar a qualidade da educação oferecida no Brasil. São aplicadas em turmas de 5º ano e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Composta por questões de língua portuguesa com foco na leitura e matemática com foco na resolução de problemas. As médias obtidas nessas avaliações contribuem para o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). No Brasil, os anos iniciais atingiu a meta e cresceu, mas não alcançou 6,0. Os anos finais do Ensino Fundamental atingiu 4,5, mas não atingiu a meta (4,7). O saeb 3,7 e não atingiu a meta prevista (4,3).

Essa defasagem no ensino e aprendizagem de LP tem trazido à tona a obrigação de rever o ensino da leitura e da escrita. Assim, é importante ressaltar a necessidade, por parte da escola, de promover um ensino da leitura e da escrita na perspectiva do letramento, haja vista que o domínio do código escrito só fará sentido se for útil para participar das práticas de linguagem vivenciadas no cotidiano. Dessa forma, é fundamental que a escola, em cumprimento de sua função social, possibilite ao aluno momentos de letramento, pois só assim o aluno estará sendo preparado para participar de uma sociedade letrada.

Com este trabalho, objetivamos analisar as práticas de linguagem com utilização dos gêneros textuais mediadas por cinco professores de 6º ano de escola pública e como objetivos específicos temos: I) refletir sobre as práticas de linguagem realizadas nas aulas de língua portuguesa; II) compreender a importância da inserção dos gêneros textuais nas práticas de linguagem abordadas por professores de 6º ano no estudo da língua portuguesa.

Para a concretização de nossos objetivos, nos aportamos nos estudos teóricos de Antunes (2003), Soares (2003), Bakhtin (2011), Marcuschi (2008), Kleiman (2007) entre outros que desenvolvem estudos sobre o tema.

Esperamos que a presente pesquisa possa contribuir para responder a alguns questionamentos sobre a importância do ensino de Língua Portuguesa na perspectiva dos gêneros textuais.

METODOLÓGICA

A presente pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico interpretativo, visou coletar dados para análise da prática docente de Língua Portuguesa em turmas de 6º ano de escolas públicas, por meio da aplicação de questionário semiestruturado escrito a cinco professores de Língua Portuguesa. Optamos pelo 6º ano da escola pública por ser a turma inicial dos anos finais do Ensino Fundamental e que, por isso, requer muita atenção por parte do docente, haja vista que é um ano onde acontecem várias mudanças na vida escolar do aluno; e a escolha da escola pública se deu pelo fato de haver investimentos por parte do Governo Federal na formação de professores de anos anteriores com o objetivo de melhorar o ensino da leitura e da escrita, a exemplo do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa).

Para a coleta de dados e constituição do *corpus* de nossa pesquisa, utilizamos um questionário composto por cinco questões abertas na modalidade escrita aplicado a cinco

professores de Língua Portuguesa que atuam no 6º ano de escolas públicas. Dos cinco, quatro são especialistas e um mestrando, que lecionam há mais de cinco anos na área. A escolha dos professores colaboradores desta pesquisa se deu pelo fato de residirem próximos à localidade do pesquisador.

O questionário foi constituído em cinco perguntas, a saber:

- I) Você considera relevante a prática de ensino da Língua Portuguesa na perspectiva dos gêneros textuais? Por quê?
- II) Como você trabalha o ensino da leitura e da escrita a partir do uso de gêneros textuais?
- III) Que critérios você considera/leva em conta para selecionar os gêneros textuais que vai trabalhar em sala de aula?
- IV) Como você conduz a leitura e a produção textual na perspectiva dos gêneros textuais?
- V) Há alguma socialização dos textos produzidos pelo aluno? Como é realizado esse momento?

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998, a linguagem é condição de plena participação social. Se pararmos para analisar, perceberemos o quanto a linguagem é importante para o fazer social. É através dela que expressamos ideias, realizamos pedidos, questionamos, afirmamos. A relação entre a linguagem e o social se dá pelo fato de a possibilidade de haver interação só é possível a partir da existência de indivíduos predispostos a tal ação. Conforme Bakhtin (2014, p. 116),

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).

Percebemos, então, que a enunciação acontece a partir da interação entre os indivíduos. Assim, ao nos dirigirmos verbalmente ao nosso interlocutor, a enunciação produzida dependerá do grupo social desse interlocutor, da hierarquia social, enfim, o contexto de interação propiciará as mais diferentes variações de enunciados.

A participação de um indivíduo na sociedade implica a partilha da linguagem, assim,

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em

relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2014, P. 117)

Nesse ponto de vista, a existência da palavra pressupõe a existência de um locutor e um interlocutor, pois é preciso ter em mente que o outro, nesse caso o interlocutor ou sua representação, é um fator indispensável para que possamos proferir algo. É através da palavra que estabelecemos uma relação social com meu interlocutor.

O ensino da leitura e da escrita deve ser significativo, de tal forma que os alunos, ao concluírem o ensino básico, possam fazer uso desse conhecimento na participação das práticas sociais que envolvem a linguagem. Nessa perspectiva, conforme os PCN (1998), as aulas de LP devem centrar-se no texto, especialmente nos gêneros textuais. Não estamos afirmando aqui que a gramática, por exemplo, é dispensável, porém o domínio das normas gramaticais não é suficiente para o desenvolvimento de competências relacionadas às práticas sociais de linguagem. Conforme Bakhtin (2011, p. 261),

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas em cada campo de utilização a língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (grifos do autor)

O conteúdo temático, o estilo e a composição são características dos gêneros textuais que constituem o enunciado de acordo com a esfera de comunicação. Dessa forma, ao produzirmos um determinado texto, quer seja na modalidade oral ou escrita da língua, levamos em consideração essas características, ou seja, o assunto que queremos comunicar, a forma de organização, estrutura, e a linguagem que utilizaremos em virtude da imagem de nosso interlocutor. Assim, o conceito de gêneros do discurso de acordo com os estudos bakhtinianos, reforça a necessidade de estudar a língua na perspectiva dos gêneros textuais, haja vista que dessa forma a língua apresenta-se viva, uma vez que os campos da atividade humana são organizados a partir de seu uso, em forma de enunciados: seus gêneros textuais.

É nessa perspectiva, portanto, que a escola deve exercer sua função, não esquecendo que,

Desde que nos constituímos como seres sociais nos achamos envolvidos numa máquina sócio-discursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. (MARCUSCHI, 2008, p. 162)

Assim, não faz sentido a escola deixar em segundo plano o trabalho com os gêneros textuais, haja vista que isso seria desconsiderar a capacidade, que o aluno já traz para a escola, de interação social. Ainda segundo o autor, “A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p. 163). Por isso, consideramos importante o trabalho com os gêneros textuais/discursivos. Cabe aqui uma ressalva: o ensino e a aprendizagem de LP na perspectiva dos gêneros textuais não deve ser restrito à reprodução estrutural dos gêneros, mas possibilitar ao aluno o domínio do gênero desde seu conhecimento até sua produção.

De acordo com Soares (2004, p. 20), “[...] passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências da leitura e da escrita que a sociedade faz continuamente”. Nessa perspectiva, portanto, ao promover momentos de letramento ancorados nos textos que são relevantes e que ainda não são dominados pelos alunos, a escola estará cumprindo com sua função social preparando-os para que possam engajar-se numa sociedade letrada. Nessa perspectiva, é válido colocar que o letramento é algo que a escola não pode deixar de lado,

Assim, trabalhar com os letramentos na escola, *letrar*, consiste em criar eventos (atividades de leitura e escrita – leitura e produção de textos, de mapas, por exemplo – ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais) que possam integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que estes ainda não dominam. (ROJO, 2010, p. 27)

O trabalho com os letramentos possibilita uma ressignificação das práticas de linguagem relacionadas à abordagem da leitura e escrita, de forma que os alunos estarão situados ao produzir textos que circulam socialmente sabendo o que, para quem, como e através de qual gênero escrever. Essa ressignificação contribuirá para que o aluno possa aprimorar sua competência comunicativa nos mais variados contextos vivenciados na sociedade.

Diante desse contexto, é importante destacar o papel do professor enquanto agente de letramento. De acordo com Kleiman (2005, p. 52),

[...] como todo agente social, **o agente de letramento** desenvolve ações fundamentadas no conhecimento, na descoberta de que saberes, técnicas, estratégias, tradições e

representações sobre a escrita o outro (o aluno e sua família) mobiliza no dia a dia para realizar a atividade. (grifos da autora)

Dessa forma, destacamos que é necessário ao professor, o conhecimento da realidade social a que pertence seus alunos para, assim, poder promover momentos de letramento que sejam relevantes para que os alunos possam ser inseridos de forma plena na sociedade letrada. Ainda de acordo com a autora, esse agente (o professor) não precisa saber tudo sobre a língua escrita, linguagens não-verbais e práticas sociais emergentes, pois, ao estar inserido em práticas de letramento, ao mesmo tempo está participando de uma atividade colaborativa e, dessa forma, tanto contribui quanto aprende com os alunos.

Nessa perspectiva, percebemos uma mudança de paradigma do professor ou “superprofessor”, como coloca a autora, para mediador já que a aprendizagem nessas atividades acontece de forma colaborativa, pois todos são autores de sua aprendizagem. Sobre as novas perspectivas da prática da aula de português, Antunes (2003, p. 34) assegura que

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, *concepções* (O que é a linguagem? O que é uma língua?), *Objetivos* (Para que ensinamos? Com que finalidade?), *procedimentos* (Como ensinamos?) e *resultados* (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: *conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos*. (grifos da autora)

É indispensável que o professor seja reflexivo, que a autoavaliação seja uma constante em sua prática, de forma que esses questionamentos apontados pela autora possam servir de norte para um (re)direcionamento preciso do ensino de LP.

Falar no ensino de LP e não mencionar as concepções de linguagem que norteiam esse ensino é quase impossível, haja vista que qualquer prática docente, de forma consciente ou não, está diretamente relacionada a uma delas. Diversos estudiosos, a exemplo de Travaglia (1996), apontam três concepções de conceber a linguagem: a) como expressão do pensamento; b) como instrumento de comunicação; e c) uma forma ou um processo de interação. Não é objetivo deste trabalho descrever cada uma delas, mas nos debruçaremos na terceira concepção, haja vista que essa atende aos propósitos de um ensino de LP que possa verdadeiramente contribuir para a formação de um cidadão que possa exercer de forma plena e consciente sua cidadania.

Uma prática docente ancorada na terceira concepção pressupõe o estudo de uma língua viva que não existe isoladamente, mas que se constrói na interação social. Assim, o ensino da leitura e da escrita deixa de centrar-se no estudo de palavras e frases descontextualizadas e passa a levar em

consideração os diversos contextos de uso da língua. Dessa forma, ao nos depararmos com uma situação de comunicação escrita que requer a produção de um texto, devemos levar em consideração *o que?*, *como?*, *para que?* e *de que?* forma dizer.

Quando levamos em consideração esses questionamentos, estamos assumindo uma visão interacionista da escrita, isso porque

Uma visão interacionista de escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão de ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita *a um outro alguém*, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (ANTUNES, 2003, p. 44) (grifos da autora)

Só nessa perspectiva é que conseguiremos promover um ensino de LP que possa contribuir para que os alunos desenvolvam competências que serão utilizadas nos mais variados contextos de interação social. É com base nessa concepção de língua que podemos pensar em um ensino que possa elevar os níveis de letramento de nossos alunos.

OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA: ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE

Nesta seção, faremos a análise das falas dos docentes a partir das respostas dadas às perguntas do questionário. Identificaremos esses professores como P1, P2, P3, P4 e P5. E para uma melhor compreensão dos resultados, optamos por organizar as repostas dos cinco professores agrupadas de acordo com cada uma das questões propostas.

Assim, para a questão I) “Você considera relevante a prática de ensino da Língua Portuguesa na perspectiva dos gêneros textuais? Por quê?”, obtivemos as seguintes respostas:

- P1: Sim, pois através dos gêneros textuais o aluno desenvolve a prática da leitura e conseqüentemente da escrita, além de desenvolverem habilidades nas produções como desenhar ou recontar o que leu.
- P2: Sim. O próprio livro didático traz textos conforme o gênero em destaque e propõe outras possibilidades para a leitura e a produção escrita.
- P3: Sim, pois ao adotar o trabalho com gêneros textuais contribuimos para uma mudança na perspectiva da leitura e da produção textual, fugindo um pouco do tradicionalismo.
- P4: Considero importante os gêneros textuais na prática de ensino da Língua Portuguesa, uma vez que acredito que eles colaboram com desenvolvimento da leitura e da escrita tornando-se um instrumentos de trabalho nas atividades realizadas.

- P5: Sim. Vejo nessa prática a possibilidade de um ensino que contempla a língua na sua essência que é a interação. Nesse sentido, os sujeitos envolvidos no processo vivenciam experiências de contextos reais de uso, visto que os diversos gêneros textuais, com suas peculiaridades de funções e características, são em si, as formas como nos comunicamos no cotidiano.

Notamos, na maioria das respostas, que a consciência da condução do ensino da Língua Portuguesa, com base na utilização dos gêneros textuais, é importante para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, porém não devemos deixar de colocar que P1, P2, P3 e P4 demonstram a importância do trabalho com os gêneros textuais para o desenvolvimento de atividades predominantemente escolares de leitura e escrita. Havendo nessas respostas a ausência de informação sobre a importância de assumir uma concepção de língua interacional, que se constrói na interação entre sujeitos sociais nos mais diversos contextos de uso. De acordo com Antunes (2003, p. 50)

Os gêneros de textos evidenciam essa natureza altamente complexa das realizações linguísticas: elas são diferentes, multiformes, mutáveis, em atendimento à variação dos fatores contextuais e dos valores pragmáticos que incluem e, por outro lado, são prototípicas, são padronizadas, são estáveis, atendendo à natureza social das instituições sociais a que servem.

A resposta de P5 está em consonância com a autora, haja vista que, uma das maiores vantagens do trabalho com os gêneros textuais, em sala, está no fato de a língua ser focada em seus diversos contextos reais de uso, dando oportunidades aos alunos de desenvolverem habilidades que permitam fazer uso da língua nos mais diversos contextos de interação. Dessa forma, o estudo da língua em sala extrapolará exercícios repetitivos visando ao domínio das normas gramaticais.

Para a questão II) “Como você trabalha o ensino da leitura e da escrita a partir do uso de gêneros textuais?”, obtivemos as seguintes respostas:

- P1: São desenvolvidas com leituras coletivas, individuais, através de músicas e encenações, além de produções.
- P2: Apresento o gênero textual para a turma, bem como suas características, distribuo o texto para que os mesmos leiam silenciosamente; em seguida é feita a leitura expressiva de partes (parágrafos) um a um. Faço a leitura do texto para a turma observar e grifar palavras desconhecidas. Após cada aluno apresenta o seu entendimento sobre o texto para melhor compreensão. Em seguida sugiro para eles produzirem um texto observando as características e data para apresentar seu texto para a turma.
- P3: Em cada bimestre defino bem os gêneros textuais que pretendo trabalhar com minhas turmas dando preferência aos que eu posso explorar a leitura, escrita e produção textual.

- P4: Desenvolver nos alunos o objetivo do gênero textual na leitura e escrita. Entender que tudo que escrevemos por nós e por outras pessoas. Quanto a leitura nos levar ao mundo de informações, pesquisa e conhecimento.
- P5: Procuo deixar evidente para os estudantes, a função de cada gênero trabalhado. Partimos da leitura para em um segundo momento desenvolvermos discussões sobre as características do gênero, bem como sua função social. A escrita/produção tem sempre como foco a funcionalidade comunicacional do texto, embora nem sempre haja possibilidade de divulgação dos mesmos.

Um dos maiores entraves no ensino na perspectiva dos gêneros textuais na ênfase dada à exploração de suas características. Não podemos esquecer que Bakhtin (2011), aponta os gêneros como enunciados relativamente estáveis, no sentido de que eles podem passar por transformações constantemente em virtude das mudanças relacionadas às práticas de linguagem que organizam as atividades humanas, assim a exploração de suas características não pode ser o único fim de análise. Deve-se focar um pouco mais na funcionalidade dos gêneros, pois só dessa forma é que explicitaremos a língua como um produto da interação entre sujeitos, ou seja, sempre haverá alguém para comunicar algo a alguém, ainda que esse último não esteja presente, mas pode ser representado pelo grupo social ao qual pertence. Essa perspectiva está evidente da resposta de P5, haja vista que, ao propor atividades de escrita, o foco na funcionalidade do gênero é maior.

Para a questão III) “Que critérios você considera/leva em conta para selecionar os gêneros textuais que vai trabalhar em sala de aula?”, obtivemos como respostas:

- P1: Levo em consideração primeiramente a faixa etária dos alunos, buscando focar naqueles que mais chamam a atenção deles e depois, os que são essenciais para seu conhecimentos.
- P2: Surgem conforme o nível escolar da turma (alguns*); Que desperte a curiosidade para a leitura e a produção escrita; Quando percebo a necessidade de inserir determinado gênero.
- P3: Procuo selecionar gêneros que fazem parte da realidade do cotidiano dos alunos, acredito que dessa forma dá mais sentido ao processo de aprendizagem.
- P4: Propor um gênero que contribua com aprendizagem e progresso dos alunos. Buscando estratégias, meios que envolva a participação de todos os alunos.
- P5: Tendo em vista o curto tempo do qual dispomos para trabalhar com a grande quantidade de gêneros existentes, selecionamos aqueles mais presentes, do ponto de vista funcional, do cotidiano dos estudantes, para que façam uso dos mesmos com proficiência.

Em relação aos critérios de seleção dos gêneros textuais a serem trabalhados, notamos nas respostas dos colaboradores, que a escolha dos gêneros se dá levando em consideração as contribuições que esses textos podem oferecer para que os alunos se envolvam mais, se interessem mais pelas aulas, o que também consideramos importante. Porém, é válido lembrar que, na escolha dos gêneros textuais, as necessidades sociais de uso de determinado gênero devem ser primordial na

escolha, como afirma P5, pois dessa forma os alunos poderão fazer uso desses gêneros no cotidiano, de forma proficiente.

Com relação a questão IV) “Como você conduz a leitura e a produção textual na perspectiva dos gêneros textuais?”, obtivemos:

- P1: Conduzo através de leituras coletivas, individuais, encenações, produções escritas e ilustradas.
- P2: Propondo atividades textuais que explore a oralidade seja na compreensão ou interpretação de um texto oral ou escrito.
- P3: Conduzo por meio de oficinas de leitura e produção de texto.
- P4: É importante termos uma sequência didática sobre o gênero a ser trabalhado. Tendo assim recursos para produção textual.
- P5: Partimos de uma sondagem para percebermos o nível de conhecimento e de envolvimento do estudante com o gênero textual em estudo. Norteamos a leitura como forma de tornar o gênero textual o mais íntimo possível, para assim desenvolvermos produções sempre com foco na função que aquele texto desempenha no meio social em que circula.

Com as respostas, percebemos o quanto a metodologia utilizada nas aulas com os gêneros textuais é direcionada com um maior foco na leitura, ficando em segundo plano a produção textual. Isso é notório na resposta de P1 quando diz “*Conduzo através de leituras coletivas, individuais, encenações, produções escritas e ilustradas*”, a produção aparece timidamente, levando em consideração que a produção de um gênero deve ser o resultado de uma sequência de atividades com esse objetivo. P5 aponta essa sequência desde o conhecimento do gênero até a produção levando em consideração a função social, ou seja, propõe uma espécie de sequência didática com vistas ao reconhecimento, análise e produção do gênero em estudo, porém com um diferencial, focar na função que o texto possui no meio social que circula. Não podemos deixar de observar, também, a confusão feita por P2, em relação ao trabalho com a oralidade: “*Propondo atividades textuais que explore a oralidade seja na compreensão ou interpretação de um texto oral ou escrito*”. O trabalho com a oralidade deve-se levar em consideração os gêneros textuais orais existentes na esfera pública como seminário, debate, entre outros. Os diálogos realizados em sala, seja para entender a compreensão leitora dos alunos, seja para expor a interpretação de determinado texto não é suficiente para o trabalho com a oralidade.

De acordo com nossos professores colaboradores, em relação ao questionamento V) “Há alguma socialização dos textos produzidos pelo aluno? Como é realizado esse momento?”, obtivemos como respostas:

- P1: Sim, após as leituras os alunos compartilham as histórias, encenam, e muitos completam com suas vivências ou com algo que já conheciam.
- P2: Sim. No momento para as produções é combinado o dia para socializarem os textos produzidos em sala, onde cada escritor apresentará suas produções para os colegas. A princípio é preparado um ambiente acolhedor com as carteiras em círculo, mensagem motivacional sobre a importância da leitura e da escrita para formação do estudante.
- P3: Procuro sempre dinamizar esses momentos, mas na maioria das vezes, proponho em cada aula durante a semana da leitura de três ou quatro produções textuais.
- P4: A socialização da produção textual apresentação dos trabalhos na sala de aula e exposição na biblioteca da escola.
- P5: Sim. No ambiente de sala de aula e algumas vezes envolvendo várias turmas, com compartilhamento e discussões das produções. No entanto nem sempre há uma socialização que vá além do espaço escolar. Recentemente exploramos a rede social Facebook como canal para publicação e compartilhamento de textos. Consideramos esse meio virtual como uma excelente ferramenta para o trabalho com gêneros textuais.

O momento de socialização dos textos produzidos pelos alunos é indispensável para que o trabalho com os gêneros textuais possa surtir o efeito esperado: a utilização da língua em função da organização da sociedade. De acordo com as respostas obtidas, a socialização dos textos é limitada ao ambiente da sala de aula, quando extrapola um pouco mais se projeta em outras repartições da escola, como coloca P5, na biblioteca.

No trabalho com os gêneros textuais, deve ser levado em consideração a funcionalidade social. Assim, é importante que a proposta de produção de textos parta de uma situação real. Na escola, por exemplo, pode-se aproveitar diversos momentos para realização de atividades de produção como: a escrita de cartas abertas aos estudantes alertando-os sobre algum problema de ordem social, carta de solicitação à gestão da escola, buscando explicações para determinados problemas encontrados na própria escola, bem como sugestões de resolução. Além dos muros da escola, pode-se pensar na produção de manifestos, cartazes de conscientização à população sobre a importância de todos na resolução de problemas que atingem a comunidade, como o cuidado que se deve ter para evitar problemas de saúde como dengue, entre outras doenças que existem na sociedade. Enfim, o trabalho com a produção de textos deve levar em consideração o contexto de circulação do gênero textual que será produzido, evitando que os alunos sejam submetidos à produção de textos descontextualizados e sem objetivo além de avaliar a ortografia do aluno.

P5 coloca como sugestão o uso da rede social *Facebook* para dar função aos textos produzidos pelos alunos. Consideramos essa ação importante, haja vista que a predominância do hábito de ler e produzir textos que circulam nas redes tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade, daí a importância de a escola oferecer meios para que os alunos façam uso desse espaço

de forma consciente e crítica, evitando assim, a produção de textos que não contribuem para a organização das práticas sociais. Entretanto é válido lembrar que a função dos textos produzidos pelos alunos deve dar prioridade à fidelidade de sua circulação, ou seja, para o uso da ferramenta *Facebook*, é interessante trabalhar com os gêneros que circulam nessa esfera, como o *post*, *scrap*, *memes*, entre outros, evitando utilizá-lo apenas como suporte para divulgação dos textos dos alunos. Ou seja, ao trabalhar com determinado gênero é importante problematizá-lo, criar ou aproveitar uma situação já existente onde esse texto produzido possa cumprir verdadeiramente sua função social. Dessa forma, a escola estará contribuindo para a melhoria do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, bem como a elevação do nível de letramento dos alunos.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Para que possamos conseguir um ensino de LP que favoreça, aos alunos, o desenvolvimento de habilidades linguísticas úteis para a participação de uma sociedade letrada, é de grande importância que as práticas de linguagem presentes na escola possam corroborar para tal. Dessa forma, é indispensável que os gêneros textuais/discursivos estejam presentes nesses momentos, pois só assim, o ensino e aprendizagem da língua fará sentido, já que os alunos antes mesmo de entrar para a escola, já faz uso dos gêneros em diversos momentos de interação na sociedade.

Embora a importância dada ao ensino da LP na perspectiva dos gêneros textuais seja uma evidência desde a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, percebemos ainda uma tímida apropriação ou uma apropriação um tanto equivocada desses instrumentos de interação e de sua importância para o ensino e aprendizagem da LP.

É válido colocar, também, a importância a formação docente. É preciso pensar em um professor pesquisador, que possa a partir de sua prática detectar os problemas existentes e pesquisar soluções.

O ensino de LP precisa ser repensado de forma que a língua ensinada seja a mesma utilizada pelos alunos nas mais diversas situações de comunicação. Dessa forma, a escola contribuirá para a elevação do nível de letramento dos alunos e conseqüentemente estará formando alunos críticos capazes de utilizar a língua, quer seja na modalidade oral ou escrita, nos mais diversos contextos de comunicação social com proficiência.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BRASIL**. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. São Paulo: Produção Editorial, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (coord.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. (Col. Explorando o Ensino; vol.19)
- SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004.
- TRAVAGLIA, L. C. Concepções de linguagem. In: _____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.